

## A colonialidade através da mídia em *Coconut de Kopano Matlwa*

MARIANA SAKAIZAWA SOARES<sup>1</sup>

Resumo: Mesmo após a independência, a África do Sul, antiga colônia europeia, continuou a ver os direitos de sua população majoritariamente negra serem derrubados por um governo branco que implantou um sistema de segregação racial. Atualmente, mesmo após a queda do *Apartheid*, os negros enfrentam as mazelas deixadas por esse sistema nessa sociedade em que os brancos ainda se encontram em posição privilegiada, graças a perpetuação dos mesmos valores da época da colonização. Sendo assim, o presente trabalho tem o intuito de averiguar a mídia de massa como ferramenta de propagação do poder branco ocidental, que anteriormente buscava a conquista territorial, mas que agora tem como objetivo exercer forte influência na vida da população de países antes colonizados. Para tanto, levamos em consideração o romance inaugural da autora sul-africana Kopano Matlwa, *Coconut* (2007), no qual vislumbramos o poder da mídia como forma de perpetuar os ideais da supremacia branca, discutindo como as protagonistas lidam com os estereótipos espalhados através dos meios de comunicação e da globalização. Conforme sabemos, a colonização dos negros se baseava principalmente numa relação estrutural de propriedade. Todavia, com o fim do período colonial, a dominação branca foi mantida pela instauração de uma filosofia de inferioridade racial que foi propagada através dos séculos. Esse tipo de opressão foi ainda mais bem sucedida, pois não dependia de conquistas territoriais, mas sim de inculcar nas mentes dos indivíduos, brancos e negros, os ideais da soberania racial branca. Diante disso, discutimos a relevância dos meios de comunicação e da globalização ao espalhar sutilmente esses valores ocidentais e racistas ao redor do mundo. Além disso, analisamos como os conceitos de igualdade e inclusão do negro no cenário midiático podem ser, na realidade, ilusórios.

**Palavras-chave: Colonialidades; Kopano Matlwa.**

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Professora de Língua Inglesa na Secretaria de Educação de Mato Grosso e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da UFMT. Membro do grupo de pesquisa LAALID - Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora. Contato: [marianasakaizawa@hotmail.com](mailto:marianasakaizawa@hotmail.com)

Alvo de disputas e conflitos entre duas potências europeias, a África do Sul tem sua história marcada pela dominação branca e subjugação de seu povo negro. Inicialmente, o país foi colonizado por holandeses, que fixaram moradia e tomaram o território dos povos negros que ali habitavam. Mais tarde, os sul-africanos tiveram suas terras invadidas pelos ingleses que ocuparam a Cidade do Cabo, durante a Guerra Anglo-Holandesa, e, em 1806, anexaram-na a seu território, apesar da resistência dos colonos descendentes de europeus, os chamados bôeres.

Desse modo, a África do Sul foi duplamente colonizada, e numa tentativa de apaziguar os conflitos com os bôeres, o governo inglês concedeu certa independência aos colonizadores holandeses, criando a União Sul-Africana, um governo bôer estabelecido como um domínio britânico, mas com um parlamento próprio. Dentre suas principais iniciativas estavam a instauração do *Natives Land Act* (lei promulgada pelo Parlamento da África do Sul) em 1913, que designou que os nativos negros, que representavam cerca de três quartos da população local, teriam direito à apenas 7% do país, os 93% restantes ficaram em poder dos brancos e em 1923, o *Natives Urban Act* proibiu que os negros se instalassem nas cidades dos brancos. Por fim, em 1931, os bôeres se tornaram completamente independentes do domínio britânico. Então, em 1948, o *Apartheid* foi oficialmente instaurado, reservando o voto somente às pessoas brancas. Esse sistema restringia também o direito de outras etnias de se locomover pelo país, estabelecia programas salariais desfavoráveis para os negros e designava a utilização de lugares públicos baseados por raça. O sistema permaneceu até 1994, quando após anos de manifestações e resistência, incluindo embargos comerciais e condenação do sistema pela comunidade internacional, um referendo entre a população branca aprovou o fim do *Apartheid*.

A jovem Kopano Matlwa nasceu em meio às agitações do fim do *Apartheid* e escreveu sua obra inaugural, *Coconut* (2007), enquanto ainda cursava a graduação em medicina, e atualmente a autora é reconhecida como uma voz emergente na nova geração sul-africana de escritores que lida com temas como raça, classe social e gênero. Seu primeiro romance apresenta duas protagonistas adolescentes negras que, integrantes da sociedade multirracial sul-africana, vivem num mundo ambíguo e conflituoso, em constante tensão entre

os ideais africanos e os valores ocidentais da branquitude. Ofilwe e Fikile lutam para resolver seus dilemas de identidade, envolvendo a língua, os antigos rituais culturais e os padrões de beleza. As duas jovens negras protagonistas do romance, Ofilwe e Fikile, encaram os desafios de amadurecer numa sociedade que acredita que a prosperidade está ligada à capacidade de ignorar sua cultura e assimilar os costumes dos brancos. Matlwa tinha apenas nove anos quando ocorreram as primeiras eleições democráticas na África do Sul, ela cresceu em meio a complexas questões sobre identidade, resultados dessa sociedade em transformação. Da mesma forma, as protagonistas do romance representam essa luta para descobrir o que significa ser jovem, africana e mulher na nova África do Sul.

Na obra, que é dividida em duas partes, Ofilwe, pertence a uma família abastada e foi criada seguindo os costumes da sociedade branca: sua religião e sua língua tentam esconder suas raízes negras, já que ela foi criada seguindo o cristianismo e falando inglês, ou seja, ela desconhece a tradição de seus pais e antepassados. Já Fikile, a segunda protagonista, é filha da pobreza e exatamente por isso rejeita tudo que remete aos costumes negros. Ela se espelha e tenta agir como os brancos e acredita que, apenas se encaixando na sociedade dominante e opressora, obterá sucesso e deixará a pobreza. Isso posto, a obra de Matlwa se torna um retrato da sociedade sul-africana contemporânea pós-*apartheid*. Portanto, buscamos investigar na obra, como se dá a influência do poder ocidental através da mídia de massa e dos padrões de beleza impostos na vida de jovens que amadurecem em meio à tensão entre a tradição africana e a dominação ocidental branca.

## 2. Mídia Colonizadora

A autora bell hooks (1995), explica que o processo de subjugação dos povos negros se iniciou, mas não se limitou à prática da escravização, pois além da dominação física dos negros, houve também uma dominação mantida pela imposição de um tipo de *apartheid* social que instaurava uma hierarquia racial que coloca os negros em posição inferior aos brancos. A autora enfatiza que esse tipo de colonização foi ainda mais bem sucedida, pois não dependia de conquistas territoriais, mas sim de inculcar nas mentes dos indivíduos, brancos e

negros, os ideais da soberania racial branca. Dessa forma, hooks afirma que, como esse tipo de *apartheid* social se configura por um sistema de separação racial, assim, para muitos negros resistir à dominação branca significava resistir à mentalidade imposta pelos colonizadores. Sendo assim, para hooks esse distanciamento inicial que havia entre as diferentes raças favoreceu a resistência negra à dominação branca, uma vez que permitia a manutenção de pensamentos e costumes opostos, ou seja, essa divisão entre as raças tornou possível para a cultura negra se manter fechada e protegida da mentalidade colonizadora.

Entretanto, ainda de acordo com a autora, aqueles indivíduos detentores do poder perceberam a necessidade de novas estratégias de conquista para conseguir perpetuar a supremacia branca, ou seja, o distanciamento entre as raças propiciava uma possível resistência negra aos comandos da dominação branca. Logo, surgiram propostas de integração e igualdade racial que foram utilizadas como estratégias que garantiriam acesso e controle sobre todas as mentes. Sendo assim, vislumbramos como isso ocorre na África do Sul através do romance de Matlwa, pois até mesmo a estrutura de educação integrada, que propunha uma mistura de raças, se tornou o ambiente ideal para que a cultura branca se sobrepusesse a cultura negra, inculcando nas mentes o ideal de inferioridade da raça negra.

Da mesma forma, hooks ressalta a relevância dos meios de comunicação em espalhar sutilmente os ideais ocidentais racistas ao redor do mundo. Diante desse quadro, o espírito de resistência visível desde os tempos da escravização perdeu sua força a partir das ilusórias promessas de igualdade entre as raças. Consequentemente, a tentadora oferta de uma sociedade igualitária desarmou a resistência negra e permitiu que a colonização de suas mentes acontecesse facilmente. Além disso, hooks vislumbra que após séculos de afirmações sobre a selvageria e inferioridade dos povos negros, a possível acessibilidade aos mesmos direitos e benefícios aos quais tinham acesso os brancos, favoreceu a aceitação da integração racial entre os negros que foram influenciados também pelos bens materiais apresentados pela publicidade. Todavia, essa promessa de igualdade de oportunidades, se tratava na verdade de uma armadilha que visava convencer os negros de que a sociedade branca ocidental estava disposta a recebê-los desde que eles se adequassem aos costumes e valores da supremacia branca.

Isso posto, hooks ressalta o desempenho determinante da televisão como forma de controle e doutrinação da mente negra, visto que o aparelho de TV permitia que a presença constante e a proximidade ao telespectador, facilitassem a divulgação dos valores e crenças da cultura branca. Desse modo, mesmo que os indivíduos estabeleçam um distanciamento físico entre as diferentes raças e que não instituem uma relação íntima entre eles, os meios de comunicação acabam por conectar as pessoas inconscientemente, derrubando barreiras. Entretanto, como a mídia se encontra, na maioria das vezes, sob dominação da soberania branca, ela acaba trabalhando em favor apenas de seus interesses.

Logo, as averiguações de hooks nos mostram que, na verdade, os meios de comunicação em massa foram e ainda são ferramentas de manutenção da colonialidade do poder em todo o mundo. Quando a dominação branca percebeu que a opressão extensiva à população negra poderia desenvolver sentimentos de resistência e revolta entre aqueles que deveriam ser subordinados, resolveu adotar como estratégia de conquista a divulgação de valores de igualdade e inclusão. Contudo, os brancos, sutilmente, afirmavam que, para serem incluídos, os negros deveriam se adequar e assimilar os valores brancos. Portanto, essa era apenas uma maneira de imprimir na população inferiorizada seus ideais racistas.

Constantemente e passivamente consumindo valores brancos supremacistas, tanto nos sistemas educativos e através do envolvimento prolongado com os meios de comunicação, os negros contemporâneos e todos os outros nessa sociedade estão vulneráveis a um processo de colonização ostensivo que passa facilmente despercebido (HOOKS, 1995, p. 111, tradução nossa).

Sendo assim, a falsa integração e igualdade de oportunidades que são propostas espalham o conceito ilusório de que não existe racismo e de que a imagem dos negros transmitida pela mídia é real. Ainda segundo hooks, a mensagem que a televisão acaba emitindo é de que quem causa o racismo é o negro ao protagonizar um papel de vítima, pois somos colocados diante de um retrato midiático que expõe os brancos como detentores dos valores de igualdade e justiça. Dessa forma, a subjugação dos negros seria algo necessário

para a manutenção da lei e da ordem, já que os brancos são considerados os únicos capazes de manter o equilíbrio e promover o progresso.

Consequentemente, como hooks adverte, a televisão e os filmes, em geral, apresentam um mundo onde brancos e negros vivem em harmonia, mas o subtexto é claro, essa suposta harmonia só pode ser mantida caso os negros permaneçam no local que lhes foi designado na hierarquia racial. Desse modo, envolvimento amoroso inter-raciais raramente ganham destaque no cinema e quando ocorrem, geralmente, têm um fim trágico, no intuito de salientar que a mistura racial não oferece possibilidades de finais felizes, devendo ser evitada. Além disso, a esmagadora maioria dos papéis cinematográficos designados aos negros são, unicamente, em posições de subordinação e servidão, “uma colocação que ainda sugere que nós [negros] existimos para apoiar e cuidar das necessidades dos brancos” (HOOKS, 1995, p. 114, tradução nossa). Então, se antes os negros eram excluídos de qualquer representatividade na sociedade, a ideia de inclusão e igualdade racial permitiu, por exemplo, a inserção de personagens negros na televisão e cinema. Entretanto, os meios de comunicação, na verdade, utilizam a inclusão do negro apenas como método de reforço de seu lugar inferior na sociedade, destacando o fato de que relações inter-raciais se baseiam nessa lógica de dominante e dominado, não podendo existir nunca uma relação íntima verdadeira. Hooks ainda comenta que, mesmo existindo filmes que buscam desafiar a supremacia branca, eles tendem a receber críticas negativas ou nenhuma atenção da sociedade.

Os meios de comunicação de massa têm papel fundamental em doutrinar comportamentos, pensamentos, ideais e, logicamente, padrões estéticos. Assim, ao analisar as diferentes influências que nortearam os conceitos de beleza através dos séculos, Umberto Eco (2007) percebe que, assim como afirma hooks, a mídia de massa teve papel determinante para auxiliar no controle dos interesses da supremacia branca, contribuindo também para delimitar as regras sobre o que poderia ser considerado belo na sociedade. Eco revela que a mídia ditou os moldes dos estereótipos de beleza no século XX, sendo que esses estereótipos também sofreram forte influência do mercado de consumo. Logo, podemos entender porque a publicidade resolveu incluir os negros em suas campanhas com a falsa proposta de igualdade social, pois assim os negros poderiam se sentir incluídos nessa sociedade regulada pelos bens

de consumo, tornando-se também consumidores. Todavia, como foi dito por hooks, essa inclusão buscou apenas garantir que os grupos excluídos se integrassem à sociedade, mas a sociedade não esteve aberta às diferenças dos grupos marginalizados, desse modo, eles deveriam adequar-se ao que era considerado aceitável.

Eco discute a relevância do consumismo nessa sociedade do século XX e afirma que as pessoas seguem influenciadas pelo “modelo de Beleza proposto pelas revistas de capas cintilantes, pelo cinema, pela televisão, ou seja, pelo *mass media*. El[as] seguem as ideias de Beleza proposto pelo consumo comercial” (ECO, 2007, p. 418). O autor questiona como é possível entender as contradições de um século que, mesmo após anos de luta por liberdade de expressão artística, rende-se aos moldes impostos pelos meios de comunicação.

Isso posto, a mídia dissemina não apenas os moldes a ser seguidos por negros, mas pela sociedade em geral, pois ainda que o século XX tenha apresentado um alargamento de possibilidades, ainda existem barreiras consideradas intransponíveis. Ademais, existem padrões de comportamentos que são esperados de todos que vivem na sociedade ocidental e os meios de comunicação auxiliam na tarefa de disseminar esses moldes ideais. Por isso, nos deparamos diariamente com imagens de mulheres submissas e puras, de negros felizes que vivem em harmonia com brancos e de heróis que arriscam suas vidas em prol de outros, todos esses personagens caricatos que buscam ensinar a comunidade a se comportar adequadamente. Contudo, nenhum ser humano comum é capaz de apresentar uma única e incontestável característica por toda sua vida, pois estamos em constante evolução e desenvolvimento, logo, ninguém é capaz de ser sempre bom ou honrado, nem desonesto ou desumano o tempo todo. Logo, percebemos que a mídia age em benefício dos interesses dos poucos, que anseiam por controlar as massas.

### **3. Políticas da aparência em *Coconut***

Diante das incontestáveis evidências de como os meios de comunicação de massa buscam controlar e moldar a sociedade em geral, a favor dos interesses dos poucos que controlam o poder, assim, vislumbramos na obra literária sul-africana escrita por Matlwa,



como essa influência pode se tornar determinante na vida de duas adolescentes negras que cresceram em meio as agitações do fim do *Apartheid* no país. Desse modo, buscamos analisar como o romance *Coconut* apresenta essa mídia controladora da sociedade negra oprimida em benefício dos interesses da minoria branca. Ademais, percebemos a forte relação entre os padrões de beleza perseguidos pelas protagonistas e os ideais de beleza brancos que são espalhados pela mídia colonizadora.

Ao longo do enredo temos demonstrações da forte dominação que a mídia pode exercer sobre as protagonistas, pois acompanhamos sua evolução desde crianças, assim a autora nos fornece um relato da protagonista Ofilwe ainda criança, já perseguindo o ideal de beleza apresentado pela embalagem de produto para alisar os cabelos, apesar de sua pouca idade. Ofilwe narra todo o processo de alisamento, ao qual ela se submetia, descrevendo como o procedimento é doloroso e reflete sobre a relação entre beleza e dor durante as horas que passava no salão de beleza, vendo a “garota com o cabelo mais áspero” (MATLWA, 2007, p. 3, tradução nossa)<sup>2</sup> ter seus cachos alisados com o produto que trazia em sua caixa “[a]s garotas negras da TV americana” (MATLWA, 2007, p. 4, tradução nossa).<sup>3</sup>

Então, para tentar reunir forças para permanecer ali e suportar a dor, a personagem Ofilwe tentava imaginar que “[a] dor é beleza, vovó costumava dizer. Bem, não minha avó, mas estou certa de que a avó de alguém costumava dizer isso, e se a minha avó se importasse com tal coisa, eu tenho certeza que ela diria isso também” (MATLWA, 2007, p. 3, tradução nossa).<sup>4</sup> Nesse excerto, percebemos que a avó de Ofilwe, uma mulher de idade mais avançada, que viveu todas as intempéries do *Apartheid* e representante das antigas tradições africanas, não dá a mesma importância que a neta aos padrões de beleza impostos pela cultura ocidental. Talvez graças a não exposição aos valores e estereótipos da sociedade ocidental, da mesma forma que a neta foi exposta, permitiu que avó de Ofilwe permanecesse protegida dos padrões impostos, principalmente, pela mídia e já impregnados nas crenças de Ofilwe, que

<sup>2</sup> Girl with the coarsest hair.

<sup>3</sup> The black American TV girls.

<sup>4</sup> Pain is beauty, grandmother used to say. Well not my grandmother, but I am certain somebody's grandmother used to say that, and if my grandmother cared for such, I am sure she would say it too.



alega não se incomodar com a dor e a sensibilidade que esses procedimentos causavam em seu couro cabeludo, seu único objetivo era se sentir bonita.

No espelho eu assisti o pente de dentes finos deslizar sem esforço através do meu cabelo macio, sedoso e liso de Rainha Negra. Eu não estava incomodada com a fragilidade do meu couro cabeludo que enviou tremores ao meu pescoço conforme os dentes do pente deslizaram, nem estava alarmada com o branco das minhas raízes, que tinham vindo à tona (MATLWA, 2007, p. 4, tradução nossa).<sup>5</sup>

Então, para Ofilwe, a dor sentida no salão de beleza, com os produtos químicos em sua cabeça, é suportável pelo fato de que ela vai poder se sentir bonita de novo, e ser bonita significa ter o cabelo liso e macio, que possa ser penteado sem esforços, o mesmo cabelo das famosas negras americanas que estampam a caixa do produto. Diante disso, Lynda Spencer (2014) afirma que o romance de Matlwa nos fornece um questionamento da tensão criada pelo legado histórico do *Apartheid* e agora pelo poder americano, produzindo uma hegemonia que torna a branquitude um objetivo.

Sendo assim, na segunda parte do romance, através de outra protagonista, Matlwa mostra como os indivíduos internalizam as ideologias que constituem sua própria subordinação. Fikile abandona a escola no ensino médio e trabalha como garçonete numa lanchonete, que ela acredita oferecer as oportunidades para, finalmente, deixar o distrito pobre e a companhia de seu tio abusivo. Dessa forma, ela se preocupa intensamente com sua aparência física para ir trabalhar, fazendo uso de extensões de cabelo loiro, lentes de contato verdes e cremes clareadores de pele, pois aguarda o momento em que possa ser rica, branca e feliz. Assim, percebemos que, embora profundas mudanças estejam ocorrendo na África do Sul e ao redor do mundo, ainda são predominantes os valores culturais brancos e os modelos de beleza eurocêntricos, que associam a beleza a um cabelo liso, além de pele e olhos claros. Assim, Fikile deseja atingir o padrão estético de beleza associado à mulher branca idealizada.

---

<sup>5</sup> In the mirror I watched the fine-toothed comb slip effortlessly through my silky soft and straight Black Queen hair. I was not bothered by the tenderness of my scalp that sent quivers down my neck as the teeth of the comb slid past it, nor was I alarmed at the white of my roots that had come to the surface.

Além disso, Fikile valoriza sua vaga como garçõnete porque vê em seu local de trabalho a única oportunidade de sair do distrito e até admite que acredita que sua patroa a contratou por achá-la bonita. A aparência também coloca em risco o trabalho de Fiks, quando ela não aparece devidamente apresentável. Logo, Fikile toma consciência do poder que a aparência física exerce nessa sociedade regulada por valores brancos e afirma: “[t]odas as manhãs eu me certifico de preencher quaisquer pedacinhos ou rachaduras no esmalte que possam ter surgido durante a noite porque eu passei a saber a grande importância da apresentação” (MATLWA, 2007, p. 117, tradução nossa).<sup>6</sup> Para tanto, ela mantém uma caixa em sua casa, na qual guarda suas maiores preciosidades na vida, sua extensão de cabelo, suas lentes de contato, o creme clareador e suas revistas de moda.

[M]as na caixa encontram-se os tesouros da minha vida. Minhas revistas, todas elas, a partir da primeira *Glossy*, que eu li quando tinha treze anos, à edição desse mês de *Girlfriend*, estão na caixa. Ao lado delas está meu estojo das lentes de contato, guardadas com as coisas mais caras que eu possuo, que valem muitos meses passados esfregando gordura e varrendo depósitos por horas. (...) Meu *Lemon Light* creme clareador de pele, meu protetor solar, meu delineador, rímel, sombra de olho, blush, alisador de cílios e os pedaços de extensão de cabelo loiro caramelo (MATLWA, 2007, p. 117, tradução nossa).<sup>7</sup>

A descrição de Fikile que Matlwa nos oferece revela a veracidade dos fatos informados por hooks quando trata da importância dos meios de comunicação de massa para colonizar as mentes dos povos subjugados. Fikile relata que sua vida mudou drasticamente quando, aos treze anos de idade, começou a ler as revistas de moda que a avó trazia da casa dos patrões, para que a neta pudesse praticar seu inglês. Deslumbrada com o que é

<sup>6</sup> Every morning I make sure that I top up any nail-polish chips or cracks that may have developed overnight because I have come to know the great importance of presentation.

<sup>7</sup> But in the box lie my life's treasures. My magazines, all of them, from the first *Glossy* I read when I was thirteen, to this month issue of *Girlfriend*, are in the box. Beside them is my contact lens case, holding within the most expensive things I own, worth many months spent scrubbing grease and sweeping storerooms after hours. (...) My *Lemon Light* skin-lightener cream, my sunscreen, my eyeliner, mascara, eye-shadow, blush, eyelash-straightener and the pieces of caramel-blond hair extension.

apresentado nas revistas, Fiks passa a desejar abandonar a vida nos distritos a qualquer custo e até admite que:

Podem ter sido todas aquelas revistas que eu comecei a ler. Eu tinha passado minhas férias inteiras dentro da casa de Gogo e lendo uma revista após a outra. (...) Quanto mais revistas eu lia, mais eu queria ler. (...) Eu vivia naquelas revistas, e quanto mais eu lia, mais certeza tinha de que a vida daquelas páginas foi a que nasci para viver (MATLWA, 2007, p. 166-167, tradução nossa).<sup>8</sup>

O romance apresenta um deslumbramento de Fikile pela vida das revistas, tão extenso, que influencia a garota a até mesmo abandonar a escola. No auge da adolescência, cercada de dúvidas e incertezas, sobrevivendo num meio hostil e sem apoio da família, as revistas são o que mais se aproximam de uma orientação para Fikile, que vê estampado nas capas a felicidade por ela almejada. Assim, ela associa o sucesso pessoal à aparência física e dinheiro, pois é isso que as revistas lhe apontam, nada sugere para Fikile que a educação pode trazer algo de proveitoso para sua vida. Logo, após passar as férias lendo uma revista após a outra, ela se sente deslocada quando tem de retornar a sua realidade na escola pública do distrito, à qual ela alega não pertencer, explicando que:

Era como se eu fosse uma peça de quebra-cabeça, puxada para fora do quebra-cabeça e dobrada e agora nunca poderia caber de volta. Tinha visto fotos de outra vida, uma vida melhor, e eu a queria. Então saí pelos portões da escola e nunca mais voltei. Isso foi em 1999, o início da série dez, o início do Projeto Infinito (MATLWA, 2007, p. 168, tradução nossa).<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> It may have been all those magazines that I started reading. I had spent my whole holiday at Gogo's indoors and reading one magazine after another. (...) The more magazines I read, the more I wanted to read. (...) I lived in those magazines, and the more I read the more assured I was that the life in those pages was the one I was born to live.

<sup>9</sup> It was like I was a puzzle-piece, pulled out of the puzzle and bent and now I could never fit back in. I'd seen pictures of another life, a better life, and I wanted it. So I walked out of the school gates and never went back. That was 1999, the beginning of grade ten, the beginning of Project Infinity.

Segundo Jessica Murray (2012), a função das revistas dedicadas às mulheres é a de promover um mundo irreal e inalcançável de beleza ideal que causa apenas insatisfação pessoal com o intuito de garantir o lucro do mercado. Desse modo, quando Fikile está com quinze anos, ela afirma saber quais são os cosméticos preferidos das famosas, sabe dar dicas de férias nas Bahamas e todos os detalhes dos grandes eventos no Tapete Vermelho.<sup>10</sup> Estas informações ela tinha acesso através das revistas, todavia, tudo estava muito distante de sua realidade no distrito pobre. Então, vislumbramos que, na verdade, a mídia apresenta uma realidade praticamente impossível e informações até mesmo inúteis para Fikile, entretanto, apesar da desconexão entre as imagens na mídia e o contexto local do leitor, cria-se a ilusão de que aquele estilo de vida é acessível.

Da mesma forma, a protagonista Ofilwe se descobre influenciada pelas revistas quando resolve recortar os rostos famosos que ela acreditava serem os mais importantes de sua época para colar nas paredes de seu quarto, todavia, seu irmão a confronta duramente por não haver em sua coleção nenhum rosto negro. Diante dessa constatação, Ofilwe conclui que a exclusão de pessoas negras dos recortes não fora intencional, simplesmente, não havia nenhuma em destaque nas revistas. Murray argumenta que essa passagem do romance reflete como a mídia de massa é tendenciosa ao escolher os modelos femininos que ganham destaque nas páginas, ou seja, mulheres brancas que vivem uma vida que as leitoras passam a desejar.

Ainda de acordo com Murray, uma mulher pode tentar se encaixar no molde de aparência desejável em sua sociedade, nem que isso signifique suprimir sua etnicidade a favor do ideal eurocêntrico. Assim, Ofilwe consegue alguma aceitação entre os círculos sociais populares em sua escola, graças a essa capacidade de omitir sua origem negra. Dessa forma, a protagonista fica em êxtase quando o colega branco Tim Browning a convida para uma festa, afirmando que ela não era como as outras meninas negras da escola. Para ele, Fifi era mais calma e parecia a integrante do grupo *Spice Girls*, Melanie Brown. A referência que Tim faz à calma de Ofilwe reflete o pensamento colonial de que as pessoas negras são selvagens e primitivas, a calma de Ofilwe seria um eufemismo para civilizada. Logo, o garoto

---

<sup>10</sup> Um tapete vermelho é tradicionalmente usado para receber chefes de Estado em cerimoniais e ocasiões formais, além disso, nas últimas décadas foi estendido para uso de celebridades em eventos formais.

praticamente sugere que Ofilwe é aceitável por ele acreditar que ela é civilizada. Ademais, Murray afirma que a comparação entre Ofilwe e a *Scary Spice* mostram a prevalência dos padrões brancos de beleza, já que a celebridade negra adequa seu corpo aos moldes eurocêntricos no que diz respeito às feições, o corpo magro, a pele clara e o cabelo manipulado. O discurso do garoto revela a verdade de que, para ser aceita, Ofilwe deve ser diferente das outras garotas negras, “ele está aplaudindo sua conformidade com o ideal da mulher 'passiva', cujo corpo negro dócil não ameaça as estruturas de poder existentes” (MURRAY, 2012, p. 100, tradução nossa).

Ademais, além das extensas demonstrações do poder de controle da mídia sobre as protagonistas de Matlwa, que representam um retrato da sociedade sul-africana, a autora apresenta um personagem que comenta com Fikile que está cogitando dar aula para sua filha em casa, já que teme que a influência da escola afaste a menina de suas raízes africanas, pois percebe que as crianças estão se tornando “pequenos pedaços da América, nascidos em solo africano” (MATLWA, 2007, p. 189, tradução nossa).<sup>11</sup> Entretanto, para Murray, essa doutrinação, de que fala o homem, não acontece apenas na escola, pois devido ao processo de globalização a cultura tem se tornado, na verdade, algo cada vez mais uniformizado mundialmente. Contraditoriamente, as propostas de integração racial e igualdade ao invés de proporem uma sociedade multicultural que se adequa a diversidade e aceita a hibridez nos padrões estéticos, a globalização apenas facilitou a divulgação dos mesmos ideais da época do colonialismo.

### **Considerações Finais**

Diante dos relatos sobre o poder de controle da mídia de massa e de como as protagonistas de Matlwa lidam com os padrões impostos a favor da supremacia branca, poderíamos num primeiro momento, descrever Ofilwe e Fikile, como alienadas. Contudo,

---

<sup>11</sup> Tiny pieces of America, born on African soil.

para Murray, compreender as ações das protagonistas que buscam se encaixar nessa sociedade sul-africana regida por valores brancos e eurocêntricos, apenas como frivolidade e alienação é um equívoco, pois “seria negar as restrições estruturais que limitam as suas já restritas opções de vida” (MURRAY, 2012, p. 98, tradução nossa). As protagonistas vivem numa sociedade regulada por relações raciais, de classe e gênero, que contribuem para marginalizá-las. Assim, suas ações podem ser entendidas como medidas tomadas para atingir algum grau de poder nessa sociedade. Desse modo, Murray defende uma leitura mais ampla que revela que as experiências de Fifi e Fiks apresentam certa agência e resiliência que as elevam do status de apenas vítimas dessa estrutura de poder patriarcal e racista.

Além disso, a aceitação dos moldes de beleza impostos pela mídia é uma tentativa das protagonistas de conseguirem alguma forma de poder, pois como Murray afirma a beleza é uma forma de capital cultural que pode ser trocado por capital social e econômico, e as mulheres conseguem se empoderar através da beleza. Então, Fikile usa sua aparência, que é sua única forma de capital, para facilitar seu acesso à vida melhor que ela almeja. Apesar de parecer ideal que as mulheres assumam seus corpos como eles são naturalmente e rejeitem os padrões estéticos eurocêntricos, essa realidade parece distante para as protagonistas de Matlwa, que ainda apresentam a necessidade de alguma aceitação da comunidade.

Portanto, os extensos e dolorosos processos aos quais as protagonistas se submetem para manipular sua aparência física e seu alinhamento aos conceitos expostos pela mídia, resultam da mensagem propagada de que suas características físicas são inaceitáveis. Ou seja, por anos os ensinamentos proferidos eram aqueles de que o negro é um ser inferior carente da orientação e aconselhamento do branco, assim, a mídia passou a ser o veículo principal de divulgação dos mesmos valores da época colonial que propagavam a ideia de que o negro é primitivo, logo, necessita de adequar aos moldes civilizados do branco ocidental.

Dessa forma, as protagonistas do romance de Matlwa, aprenderam que caso não se adequassem aos valores culturais brancos seriam inaceitáveis o que as colocariam em posição ainda mais marginal em uma sociedade em que a branquitude e a masculinidade continuam a levar tanto o poder real quanto o simbólico, num país regulado por valores ocidentais. Sendo assim, o romance inaugural de Kopano Matlwa, *Coconut*, nos permitiu verificar que ainda

existe dominação da população branca sobre a negra, um racismo velado, mesmo após o fim legal do regime *Apartheid*. Ainda que esse racismo não possa ser proferido abertamente, ele ocorre em todas as esferas dessa sociedade sul-africana contemporânea, auxiliado pelo poder de divulgação e controle da mídia de massa.

### Referências

- ECO, Umberto. MICHELE, Girolamo de. **História da beleza**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record LTDA, 2007.
- HOOKS, Bell. **Killing rage: ending racism**. New York: Henry Holt and Company, 1995.
- MATLWA, Kopano. **Coconut**. Auckland Park: Jacana Media, 2007.
- MURRAY, Jessica. "Pain is beauty:" The politics of appearance in Kopano Matlwa's Coconut. **English in Africa**, v. 39, n. 1, 2012, p. 91-107.
- SPENCER, Lynda. **Writing women in Uganda and South Africa: emerging writers from post-repressive regimes**. 236 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Artes e Ciências Sociais, Stellenbosch University, 2014.